

CRENÇAS SOBRE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: O QUE PENSAM QUATRO PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SINOP/MT.

(Beliefs on English teaching-Learning: What do you think four high school teachers in a State Public School Sinop/MT)

Esp. Janete Strutz

Licenciada em letras Esp. Em linguística

Dr^a. Marlete Dacroce

Em Ciências da Educação

Fecha de recepción: 01-08- 2015

Fecha de aceptación: 22-09- 2015

Páginas 45 - 56

Resumo.

O objetivo deste estudo é de analisar e descrever as crenças de 04 (quatro) professores do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual de Sinop/MT. A metodologia que fundamentou a pesquisa foi de cunho qualitativo do tipo descritivo utilizando-se da técnica da entrevista aberta para a coleta dos dados descritos. A discussão dos resultados, o dialogar com os autores onde definem crenças como princípios pessoais, declarados ou inferidos pelo discurso ou pela ação, aceitos como verdades, e que exercem influência sobre o que os indivíduos pensam e o que eles fazem. As crenças são dinamicamente construídas a partir das experiências que estes indivíduos vivenciam durante toda a sua história de vida. A conclusão baseia-se na ação e na reflexão da prática de ensinar do professor, recursos e métodos utilizados levando em consideração as diferentes posturas metodológicas podem permear o trabalho docente do professor de língua inglesa a, sua formação acadêmica. Assim as crenças podem servir de barreiras ou auxiliar o processo com mudanças pelas experiências vividas.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Ensino-aprendizagem. Professor de Línguas Estrangeira.

Abstract.

The objective of this study is to analyze and describe the beliefs of four (04) high school teachers in a State Public School Sinop / MT. The methodology which funded the research was descriptive qualitative study using the open interview technique for data collection described. The discussion of results, the dialogue with the authors define where beliefs and personal principles, stated or implied by speech or by the action, accepted as truths, and that influence what people think and what they do. Beliefs are dynamically built from the experiences that these individuals experience throughout their life story. The conclusion is based on action and reflection in the practice of teaching the teacher, resources and methods taking into account the different methodological approaches can permeate the teaching of the English

language teacher, academic suaformação. So beliefs can serve as barriers or assist the process changes the experiences.

Keywords: English language. Teaching and learning. Professor of Foreign Languages

Introdução.

Este trabalho foi desenvolvido no sentido de contribuir para uma reflexão da prática cotidiana do professor ao ensinar uma língua estrangeira. A pesquisa enfoca as crenças de quatro professores do Ensino Médio de Escolas Públicas quanto ao processo de ensinar e aprender a língua inglesa.

Objetivo geral buscou analisar e descrever as crenças de quatro professores do Ensino Médio a qual construíram ao longo de suas experiências no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, definindo crenças como princípios pessoais, declarados ou inferidos pelo discurso ou pela ação, aceitos como verdades, e que exercem influência sobre o que os indivíduos pensam e o que eles fazem.

Na sequência os objetivos específicos:

- Identificar as crenças dos professores de acordo com suas experiências no ensino de Línguas;
- Descrever as concepções dos professores do Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa.

Contudo, a pesquisa se justifica devido os tipos de crenças: Atitudes, valores, julgamentos, opiniões, ideologia, sistemas conceituais, teorias pessoais e repertórios de entendimento no ensino-aprendizagem dos professores onde serão apresentadas e discutidas, para que melhor possamos entender e explorar a pesquisa realizada e desenvolvida.

A técnica a ser trabalhada, que será uma entrevista aberta proposta aos professores como ponto fundamental da pesquisa

Pressupostos teóricos.

Apesar do consenso de alguns estudiosos e professores com relação à importância do estudo das crenças no ambiente educacional e, mais especificamente na área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, os estudos não convergem uma única definição para o termo. Isso se deve parcialmente ao seu caráter multidisciplinar.

Pode-se considerar que uma crença é um paradigma que se baseia na fé, já que não existe demonstração absoluta, fundamento racional ou justificação empírica que o comprove. Por isso, a crença está associada à religião, à doutrina ou ao dogma: "De acordo com a crença do meu povo, nós, seres humanos, temos uma infinidade de vidas que se sucedem umas às outras segundo o karma", "Não posso apoiar uma iniciativa que seja contrária às

minhas crenças cristãs”, “Temos de respeitar aqueles que têm crenças diferentes das nossas” (Entries, 2015, s/p).

Dentre as palavras já utilizadas na definição de crenças temos: atitudes, valores, julgamentos, opiniões, ideologia, ou ainda sistemas conceituais, teorias pessoais e repertórios de entendimento. Para Ximenes (2000) Minidicionário da Língua portuguesa descreve como significado; Ação ou efeito de crer; Fé; Convicção íntima.

Barcelos (2005), afirma que: “[...] as crenças se referem à natureza da linguagem e ao ensino-aprendizagem de línguas e que não é meramente um conceito cognitivo, mas também social, visto que elas são construídas a partir de nossa interação com o contexto”.

Neste estudo, entendemos crenças como princípios pessoais, declarados ou inferidos pelo discurso ou pela ação, aceitos como verdades, e que exercem influência sobre o que os indivíduos pensam e o que eles fazem. As crenças são dinamicamente construídas a partir das experiências que estes indivíduos vivenciam durante toda a sua história de vida, a partir de características pessoais, como a idade, o sexo, formação ou a personalidade. O professor vai criando e testando hipóteses sobre sua ação e o resultado gerado por essa ação, e vai construindo teorias – suas crenças – o que as tornam altamente resistentes à mudança.

Essa construção de teorias é importante, pois auxiliam as pessoas a se compreenderem e a compreenderem os outros, e a se adaptarem ao mundo. As crenças ajudam indivíduos a se identificarem com os outros para formarem grupos e sistemas sociais. Em um nível social e cultural, elas dão elementos de estrutura, ordem, direção e dividem valores. Barcelos (2006, p.19) afirma que: “[...] as crenças não estão dentro de nossas mentes como uma estrutura mental pronta e fixa, mas mudam e se desenvolvem a medida que interagimos e modificamos nossas experiências e, somos, ao mesmo tempo modificados por elas.

As crenças estão relacionadas ao imaginário, às representações, é aquilo que acreditamos ser verdade, mesmo não tendo um conhecimento certo, acreditamos ser verdadeiros e que podem ser questionados no futuro. Enquanto que conhecimento é o resultado daquilo que pesquisamos, aquilo que sabemos cientificamente.

Segundo Madeira (2005), no contexto de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, salienta que: “[...] o conceito vem sendo definido por diversos autores”. Barcelos (2001, p.72), por exemplo, define crenças como: “[...] opiniões e ideias que alunos (e professores) têm a respeito dos processos do ensino e aprendizagem de línguas”. Almeida Filho (2002, p.13), por sua vez, refere-se a crenças de professores como: “[...] o conjunto de disposições que o professor dispõe para orientar todas as ações da operação global de ensinar uma língua estrangeira”.

Desta forma, observamos que as crenças têm em sua gênese elementos históricos, sociais e culturais, uma vez que elas se formam a partir da experiência de vida do

indivíduo, em situações de convívio social, em diferentes ambientes, em situações diversas. Além disso, também concordamos com as afirmações de que as características individuais do sujeito são um elemento importante na forma como essas crenças irão se formar.

Metodologia.

A pesquisa se fundamentou na metodologia de cunho qualitativo, González, Fernández e Camargo (2014, p.08) são mais relevantes a compreensão do que a explicação, tudo se baseia na construção social da realidade, do tipo descritiva explorando a temática González, Fernández e Camargo (2014, p.08) descreve - se características de um conjunto de sujeitos ou áreas de interesse, as crenças de 04 (quatro) professores do Ensino Médio de uma escola Estadual de Sinop/MT, segundo suas experiências no Ensino Aprendizagem da Língua Inglesa. Utilizando para a coleta de dados a técnica da entrevista aberta a qual será descrita conforme relato dos sujeitos pesquisados. De acordo com González, Fernández e Camargo (2014, p.34) uma entrevista consiste num diálogo entre duas ou mais pessoas.

Identificação das crenças.

Crenças no ensinar e aprender da língua inglesa.

Falando sobre a influência da experiência educacional e definindo crenças como opiniões baseadas na experiência e em opiniões de pessoas que influenciam a maneira de agir dos aprendizes de língua, entendo que são muitos os fatores que atuam nesta construção, na relação entre crenças e ações, ou a prática em questão, no ensino-aprendizagem.

Julgamos importante o aprofundamento de algumas análises quanto às crenças explicitadas pelos professores de língua inglesa, em escolas públicas no ensino médio, por estarem relacionadas e muitas vezes haver certa implicação de uma crença com outra desenvolveremos as análises agrupando-as em conjuntos.

A primeira crença apresentada abaixo é de que:

Professor A: Os alunos só aprendem a falar inglês em cursos livres.

Professor B: Aprende-se a Língua inglesa treinando as quatro habilidades linguísticas.

O professor acredita que a escola pública não ensina os alunos e para justificar tal afirmativa relata sua própria experiência de vida. Por trás desta idéia está o fato dele não se sentir seguro ao encarar as escolas públicas com suas deficiências e mazelas.

Professor A: Eu aprendi a falar inglês em cursos de idiomas, escola particular.

Professor B: Eu aprendi inglês em cursos de idiomas, depois morei quatro anos nos Estados Unidos.

Professor C: A grande base, aprender em cursos livres, no Fisk.

Professor D: Aprendi a falar inglês com falantes nativos e cursos livres de idiomas.

Associados a esta crença somam-se outros fatores, o conteúdo trabalhado acaba sendo extremamente básico, que serve apenas para aprender algumas coisas relacionadas à gramática, ou a tradução de pequenos textos ou músicas, até mesmo passa-se uma lista de exercícios ao aluno para cumprir com os critérios de avaliação, e o ensino de uma língua estrangeira acaba sendo apenas uma matéria para o fechamento da grade curricular da escola, no cumprimento legal.

Os professores de língua inglesa tiveram sua formação ancorada no pensamento de que para ensinar, o professor desenvolve suas aulas baseado nas quatro habilidades: *Listening, reading, writing* e *speaking*. (ouvindo, lendo, escrevendo e falando), e que este é o melhor caminho para ensinar e aprender.

Professor B: Tento desenvolver as quatro habilidades no ensino de língua inglesa, não sei se é o melhor caminho, mas é um bom caminho.

Não há discordância que os objetivos práticos - entender, falar, ler e escrever - a que a legislação, especialistas e professores fazem referência são importantes, quer nos pareça que o caráter formativo intrínseco à aprendizagem de Línguas Estrangeiras não pode ser ignorado.

Partimos do pressuposto que o professor ao entrar em sala de aula trabalha uma dada abordagem trazida de seus conhecimentos de mundo, mas para desenvolver uma abordagem consciente e progressiva ele precisa desenvolver competência, uma das muitas que Almeida Filho esclarece com ênfase:

A competência aplicada é aquela que capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente (subcompetência teórica) e que lhe permite articular no discurso aplicações plausíveis de porque ensina da maneira como ensina e porque obtém os resultados que obtém. (Almeida Filho, 1999, p.94).

Mas muito mais que o seu conhecimento, quando o professor adentra a sala de aula e passa a ser guiado por esta sua abordagem de ensino, coerente, porém competência implícita, baseadas em intuições, crenças e experiências, ele precisa se fortalecer e desenvolver a sua competência profissional, que na Visão de Almeida Filho:

Através desta competência o professor conhecerá seus deveres, potencial e importância social no exercício do magistério na área de ensino de línguas. Movido por esta competência o professor administra seu crescimento

profissional, seu engajamento em movimentos e atividades de atualização de forma permanente. (Almeida Filho 1999, p. 94).

Outras crenças estão relacionadas ao mau êxito do ensino da Língua Estrangeira na escola pública, isso se manifesta nas idéias de que:

Professor C: Melhorar a formação universitária fortalece o ensino-aprendizagem.

Professor D: Alunos desmotivados, professores ineficientes e às vezes despreparados, os professores em sua grande maioria não falam inglês e têm um conhecimento muito limitado da língua.

O próprio sistema de ensino não possibilita capacitação dos profissionais, de fato o professor-aluno precisa buscar um aprimoramento se aperfeiçoando em cursos livres e cursos superiores, como: pós-graduação, mestrado e doutorado, para que possa orientar seus alunos e estar em contato com a língua buscando atualizações, segundo os participantes de língua inglesa afirmam.

Professor D: O profissional precisa buscar capacitação com mais conhecimento da cultura da língua que ele ensina, através de seminários, palestras e aperfeiçoamento em cursos livres.

Professor B: O professor não deve parar na formação acadêmica, deve buscar capacitação para seu desenvolvimento e aprimoramento.

Outra grande barreira para ensinar e ganhar a atenção do aluno é estar em uma sala com 35 a 40 alunos. O aluno precisa de acompanhamento e atenção por parte do professor, que por sua vez não consegue se desdobrar para atender a todos e acaba deixando a desejar na orientação e acompanhamento do desenvolvimento do aluno. Desta forma, se a turma fosse menor, o professor poderia dar mais atenção a seus alunos e desenvolver o seu trabalho de forma eficiente.

Professor A: Eu acredito que para melhorar o ensino-aprendizagem deveria haver sala de língua (Sala ambiente), menos alunos por turma e um material apropriado

Professor B: As salas têm muitos alunos e o professor não pode desenvolver uma atividade diferente, porque não tem como dar atenção a todos os alunos ao mesmo tempo.

Professor A: O ensino da língua inglesa ainda deixa muito a desejar devido principalmente ao grande número de alunos por turma, as turmas deveriam ser menores.

O professor recém formado chega à escola e encara a sala, cheio de idéias. Acreditando poder transformar o sistema de ensino. Deste modo, se ele se capacita

e adota uma forma atraente de repassar o conhecimento da língua inglesa com aulas mais dinâmicas, consegue passar a seus alunos os objetivos traçados e assim contribui para que eles entendam a necessidade e a importância de se aprender um segundo idioma, desta maneira, o aluno se sente motivado a buscar o conhecimento do idioma, assim, acredita-se que está no professor a capacidade para conseguir ensinar o aluno e transformar sua visão.

Destaca-se que, na grande maioria das vezes, a escola está vinculada a um sistema tradicionalista, cabe ao professor não se deixar influenciar por este sistema, e trabalhar a sua abordagem de ensino de forma diferenciada, fazendo com que seus colegas venham a adotar tais atitudes inovadoras.

Professor C: Há poucos recursos, a principal ferramenta do professor de língua inglesa é a criatividade.

Neste caso o professor precisa inovar e dar o melhor de si, toda a responsabilidade recairá sobre ele que precisa ensinar como filosofia de vida, dedicação e que dessa maneira conseguirá alcançar seus objetivos e com certeza fará toda diferença, num meio que lhe é adverso.

Professor B: A vontade de fazer acontecer do professor pode fazer toda diferença. Partindo da concepção de que escola deve priorizar a formação de um cidadão participativo e autônomo, é importante investigar/analisar o ensino através da reflexão sobre como ensinar. Portanto, o professor deve ser incentivado a refletir sobre sua prática visando à formação de um indivíduo capaz de agir socialmente, ser reflexivo e ser também responsável pelo seu aprendizado.

O aluno autônomo é capaz de se posicionar frente a uma situação de aprendizagem, elaborar projetos pessoais como, por exemplo, buscar informações para superar uma dificuldade de aprendizagem e utilizá-las, bem como estabelecer e seguir metas, participar de projetos coletivos, ter uma postura crítica e analisar diferentes visões a fim de tomar conclusões ponderadas.

O professor interessado em ajudar seus alunos a serem autônomos proverá situações que propiciem a participação e a interação deles frente a conflitos, problemas, perguntas que estimulem o raciocínio, reflexão e a expressão. Agindo assim, o professor será mediador e fomentador da autonomia desses alunos.

O professor pode ouvir seus alunos nas decisões a serem tomadas pela classe, pois isso estimula a autonomia deles. Percebe-se que estimular a reflexão, a autonomia dos alunos e dar-lhes voz, estimula a formação do aluno como sujeito pensante, reflexivo e atuante em seu processo de aprendizagem, sem, no entanto, diminuir a autonomia de atuação do professor.

Por isso é importante que o professor esteja sempre num processo de formação, buscando conhecimento e cursos para seu desenvolvimento contínuo, desta forma teremos profissionais mais competentes e críticos.

Segundo Cavalcanti e Moita Lopes (1991 *apud* Almeida Filho 1999, p.95) afirmam que:

Os cursos universitários de formação de professores de LE idealmente enfatizam o desenvolvimento da proficiência do professor-aluno, esperando que esta ênfase, de alguma forma, seja revertida na melhoria do ensino, uma vez que, geralmente, apenas um ano é destinado à prática de ensino, e esta disciplina, na maioria dos casos, não prevê a reflexão sobre a prática, restringindo-se a um receituário de atividades para sala de aula. Segundo os autores esta reflexão deveria ser vista como o embrião da atividade de pesquisa, e deveria ocorrer durante todo tempo de formação do professor-aluno.

Para finalizar estas reflexões apontamos as crenças de que:

Professor A: A L. inglesa e seu ensino ainda são muito desvalorizados no contexto escolar.

Professor B: É importante o ensino-aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar.

Já que a intenção do ensino é preparar o aluno para vida e para o mercado de trabalho, os professores deveriam conscientizar o aluno que futuramente este aprendizado será imprescindível para vida profissional, porém o problema é o desinteresse do aluno, que só aprende movido pela avaliação e para terminar o período letivo.

Professor D: O aluno não tem muita paciência para terminar o curso, também às vezes tem o critério da falta de tempo, principalmente quando se trata do ensino médio com alunos mais adultos.

No âmbito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado.

As Línguas Estrangeiras na escola regular passaram a pautar-se, quase sempre, apenas no estudo de formas gramaticais, na memorização de regras e na prioridade da língua escrita e, em geral, tudo isso de forma descontextualizada e desvinculada da realidade.

Ao pensar-se numa aprendizagem significativa, é necessário considerar os motivos pelos quais é importante conhecer-se uma ou mais línguas estrangeiras. Se em lugar

de pensarmos, unicamente, nas habilidades lingüísticas, pensarmos em competências a serem dominadas, talvez seja possível estabelecermos as razões que de fato justificam essa aprendizagem

Discussão dos resultados.

IDENTIFICAÇÃO DAS CRENÇAS DE COMO SE ENSINA E SE APRENDE A LÍNGUA INGLESA			
Professor: A	Professor: B	Professor: C	Professor: D
Só aprendem a falar inglês em cursos livres;	Treinando as quatro habilidades lingüísticas	A base, aprender em cursos livres, no Fisk;	Com falantes nativos e cursos livres de idiomas
A falar inglês em cursos de idiomas, escola particular;	Em cursos de idiomas, depois morei quatro anos nos Estados Unidos;		
	Tento desenvolver as quatro habilidades no ensino de língua inglesa, não sei se é o melhor caminho, mas é um bom caminho.	Melhorar a formação universitária fortalece o ensino-aprendizagem	Alunos desmotivados, professores ineficientes e às vezes despreparados, os professores em sua grande maioria não falam inglês e têm um conhecimento muito limitado da língua.
	O professor não deve parar na formação acadêmica, deve buscar capacitação para seu desenvolvimento e aprimoramento.		O profissional precisa buscar capacitação com mais conhecimento da cultura da língua que ele ensina, através de seminários, palestras e aperfeiçoamento em cursos livres.
Eu acredito que para melhorar o ensino-aprendizagem deveria haver sala de língua (Sala ambiente) menos alunos por turma e um material	As salas têm muitos alunos e o professor não pode desenvolver uma atividade diferente, porque não tem como dar atenção a todos os alunos ao mesmo tempo		

apropriado			
O ensino da língua inglesa ainda deixa muito a desejar devido principalmente ao grande número de alunos por turma, as turmas deveriam ser menores.	A vontade de fazer acontecer do professor pode fazer toda diferença.	Há poucos recursos, a principal ferramenta do professor de língua inglesa é a criatividade.	
A Língua inglesa e seu ensino ainda são muito desvalorizados no contexto escolar.	É importante o ensino-aprendizagem da língua inglesa no contexto escolar.		O aluno não tem muita paciência para terminar o curso, também às vezes tem o critério da falta de tempo, principalmente quando se trata do ensino médio com alunos mais adultos.

Fonte: Própria pesquisa (2015).

Percebe-se que as crenças somam-se a outros fatores e o trabalhado acaba sendo somente o básico, para aprender algumas coisas relacionadas à gramática, ou a tradução de pequenos textos ou músicas. Contrapondo-se aos objetivos que é de entender, falar, ler e escrever. Ainda, o próprio sistema de ensino não possibilita capacitação dos profissionais, Outra grande barreira é estar em salas superlotadas e mais o professor chega à escola com idéias novas, acreditando na transformação do sistema de ensino.

Deste modo, a concepção criada é de que escola priorize a formação de cidadãos participativos e autônomos frente a aprendizagem significativa, é necessário considerar o conhecimento de pelo menos uma ou mais línguas estrangeiras.

Conclusão.

A pesquisa descreve como uma das crenças o trabalho do professor, não sendo mais o principal responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos, mas como um dos agentes fundamentais do processo, pela função, de mediador para a decisão final dentro da Operação Global de Ensino de Línguas, conforme propõe Almeida Filho,

mesmo em uma percepção mais democrática do ensino, ainda observa-se que é o professor quem conduz a aula.

Entende-se que a comunicação é considerada uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica e, ou pessoal, devendo ser meta para o ensino de Línguas Estrangeiras Modernas no Ensino Médio.

Neste contexto, as crenças organizadas a partir das falas dos professores participantes pontuam algumas situações que devem ser enfrentadas diante das experiências vivenciadas pelos professores, bem como, as concepções construídas a partir delas no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa.

Referências.

- Almeida Filho, José Carlos (org). (1999). *O professor de Língua Estrangeira em formação*. Campinas, SP: Pontes.
- Aquino, Verônica Vrbani; Zago, Márcia Maria Fontão. (2007). *O significado das crenças religiosas para um grupo de pacientes oncológicos em reabilitação*. São Paulo. http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n1/pt_v15n1a07.pdf.
- Barcelos, Ana Maria F. (2005). *Understanding Teachers' and Students' Language Learning Beliefs in Experience: a deweyan approach*. Tese de Doutorado. University of Alabama, USA.
- _____. (2001). *Linguagem e ensino in Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas*. vol. 7. n° 1, p.123-157.
- Brasil/MEC. (1998). *Parâmetros Curriculares nacionais: língua estrangeira/ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF.
- Costa, C.S.C. (2000). *Mistura à brasileira: a questão do destino* [tese]. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP; 2000.
- Entries, Older. (2013). [Conceito de crença. O que é, Definição e Significado](http://conceito.de/crenca#ixzz3qfxyaddB). In: <http://conceito.de/crenca#ixzz3qfxyaddB>.
- González, José Antonio Torres; Fernández, Antonio Hernández; Camargo, Claudia de Barros. (2014). *Aspectos Fundamentais da Pesquisa Científica*. Jaén: España.
- Geertz, C. *A interpretação das culturas*. (1986). Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos.

- Helman, C.G. Culture, health and illness. 4th ed. London: Arnold; 2001. 5. Lüdke M, André M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo (SP): Pedagógica e Universitária.
- Klienman, A. (1980). *Patients and healers in the context of culture*. Berkeley: University of California Press.
- Leigh, S. Survivorship. In: Burke C, editor. (1998) *Psychosocial dimensions of oncology nursing care*. EUA: Oncology Nursing Press. p. 130-49.
- Madeira, Fabio (2005). *Alguns comentários sobre a pesquisa de crenças no contexto de aprendizagem de língua estrangeira*. R: Jaguaribe, 629, E ed. São Paulo: Estudos Lingüísticos XXXIV. p. 350-355.
- Minayo, M.C.S. (1998). *Representações da cura no catolicismo popular*. In: Alves PC, Minayo MCS, organizadores. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. 2a . ed. Rio de Janeiro (RJ): Fiocruz. p. 57-71.
- Rabello, M.C.M. (1998). *Religião, ritual e cura*. In: Alves PC, Minayo MCS, organizadores. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. 2a . ed. Rio de Janeiro (RJ): Fiocruz. p. 47-56.
- Ximenes, Sérgio. (2000). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro.
- Zago, M. M.F; Sawada do; Stopa, M.J.R; Martinez. (1998). *O significado cultural de ser laringectomizado*. Rev Bras Canc. abril-junho; 44(2): 139-45.